2
Atrasados para a festa

— Quanto falta?

— Nunca conheci um ceifador tão impaciente.

— Então, não conheceu muitos. Somos bastante impacientes e irascíveis.

O Ilustre Ceifador Sydney Possuelo da Amazónia já estava na ponte quando o Capitão Jerico Soberanis chegou logo após o amanhecer. Jerico tinha dúvidas de que aquele homem alguma vez pregasse olho. Talvez os ceifadores contratassem outros para dormir por eles.

— Meio dia a toda velocidade — respondeu Jerico. — Estaremos lá às dezoito, como lhe disse ontem, Ilustre Ceifador.

— O seu navio é demasiado lento — queixou-se Possuelo com um suspiro.

— Depois deste tempo todo, *agora* é que tem pressa? — contrapôs Jerico, sorrindo.

— Nunca há pressa até que alguém decida que há.

Jerico não podia discutir com a lógica deste raciocínio.

— Num mundo ideal, esta operação teria sido levada a cabo há muito tempo.

Ao que Possuelo respondeu:

— Caso não tenha reparado, este já não é um mundo ideal.

Era verdade. No mínimo dos mínimos, não era o mundo no qual Jerico havia crescido. *Nesse* mundo, o Cúmulo-Nimbo fazia parte da vida de todos. Era possível perguntar-lhe qualquer coisa, ele respondia sempre e as suas respostas eram precisas, informativas e tão sábias quanto necessário.

Mas esse mundo deixara de existir. A voz do Cúmulo-Nimbo remetera-se ao silêncio, agora que todos os seres humanos se haviam tornado indesejáveis.

Jerico já tinha sido marcado como tal, na sua adolescência. Não fora nada difícil de conseguir, bastara-lhe que o apanhassem três vezes a roubar numa mercearia local. Pudera gabar-se da sua façanha durante menos de um dia porque, depois, as consequências tinham-se feito sentir. Ver negada a comunicação com o Cúmulo-Nimbo não lhe parecia grande coisa, mas aquela experiência trouxera-lhe outros contratempos. Os indesejáveis eram os últimos na fila do refeitório na escola, pelo que acabavam sempre com os pratos que mais ninguém queria. Os indesejáveis sentavam-se na primeira fila para que os professores pudessem vigiá-los. E embora Jerico não fosse excluído da equipa de futebol, as reuniões com o agente coincidiam sempre com os jogos, o que era claramente intencional.

Na altura, Jerico acreditava que o Cúmulo-Nimbo se entretinha com demonstrações passivo-agressivas de ressentimento, mas, com o tempo, passara a ver que ele apenas estava a deixar claro o seu ponto de vista: ser indesejável era uma escolha, e cada um tinha de decidir se os ganhos compensavam as perdas.

Lição aprendida. Aquela pequena amostra fora o suficiente para Jerico. Com três meses sem pisar o risco, o grande «I» vermelho tinha sido retirado da identificação e, com ele, também se fora qualquer desejo de repetir a experiência.

«Gosto de ver que o teu estatuto foi alterado», tinha-lhe dito o Cúmulo-Nimbo quando voltara a poder falar com ele. Como resposta, Jerico tinha-lhe pedido que acendesse as luzes do quarto… porque dar-lhe uma ordem servia para o pôr no seu devido lugar. Ele era um servo. Um servo de todos. Tinha de fazer o que Jerico lhe ordenava. E isso era reconfortante.

E então deu-se o cisma entre a Humanidade e a sua maior criação. Perpétua afundou-se no mar e, de uma assentada, o Cúmulo-Nimbo declarou todos os seres humanos indesejáveis. Na altura, ninguém sabia exatamente o que a perda do Conselho Mundial da Ceifa significaria para a gente comum, mas o silêncio do Cúmulo-Nimbo semeou o

pânico coletivo. Ser indesejável já não era uma opção, mas algo imposto — um juízo de valor. E o silêncio era tudo o que o Cúmulo-Nimbo precisava para converter servidão em superioridade. O servo passou a ser o senhor e, a partir daquele momento, o principal objetivo do mundo passou a ser agradar ao Cúmulo-Nimbo.

Que posso fazer para reverter esta decisão?, perguntava o povo. *Que posso fazer para voltar às boas graças do Cúmulo-Nimbo?* O Cúmulo-Nimbo nunca pedira adoração, mas agora as pessoas davam-lha, inventando desafios difíceis de cumprir na esperança de que o Cúmulo-Nimbo reparasse. Evidentemente, ele ainda ouvia os gritos da Humanidade. Ainda via tudo, mas guardava as suas opiniões para si.

Entretanto, os aviões continuavam a voar, os *ambudrones* continuavam a chegar para recolher os mortuosos, a comida continuava a ser cultivada e distribuída… Ou seja, o Cúmulo-Nimbo continuava a fazer o mundo funcionar com a mesma precisão de sempre; procedia da maneira que considerava melhor para a raça humana como um todo. Mas quem queria que o candeeiro da secretária se acendesse tinha de o fazer ele mesmo.

O Ceifador Possuelo ficou mais um pouco na ponte para acompanhar o progresso do navio. O mar estava calmo, embora navegar com mar calmo fosse uma coisa monótona, principalmente para quem não estava acostumado. Saiu para ir tomar o pequeno-almoço na sua cabina, as suas vestes verde-floresta ondulando atrás dele ao descer a escada estreita de acesso aos conveses inferiores.

Jerico deu por si a pensar no que se passaria na cabeça do ceifador. Estaria atento, a fazer por não tropeçar na túnica? Relembrava colheitas passadas? Ou estaria apenas a pensar no que ia comer?

— Não é um mau tipo — disse Wharton, o oficial de vigia do convés, que já tinha aquele posto muito antes de Jerico comandar o navio.

— Na verdade, até gosto dele. É muito mais honrado do que alguns dos outros «honrados ceifadores» com quem já me cruzei.

— O facto de nos ter escolhido para esta missão de resgate diz muito sobre ele.

— Sim, só não sei muito bem o quê.

— Para mim, diz que o meu capitão escolheu bem a sua carreira.

Era um elogio e tanto, vindo de Wharton, que não era dado à bajulação. Mas Jerico não podia ficar com todos os louros.

— Limitei-me a seguir o conselho do Cúmulo-Nimbo.

Alguns anos antes, quando o Cúmulo-Nimbo lhe sugerira que poderia ser feliz no mar, Jerico tinha ficado extremamente irritado. Porque ele tinha razão. Fora uma avaliação perfeita. Jerico já estava a pensar em algo semelhante, mas ouvir aquela sugestão do Cúmulo-Nimbo era como se alguém lhe tivesse contado o fim da história. Jerico sabia que podia escolher entre muitas vidas no mar. Havia quem corresse o mundo em busca da onda perfeita para surfar. Outros passavam o seu tempo em regatas ou em travessias dos oceanos em grandes veleiros que imitavam os navios de tempos idos. Mas não passavam de passatempos sem nenhum fim prático além do prazer que proporcionavam. Jerico queria uma felicidade que também servisse para alguma coisa. Uma profissão que contribuísse com algo tangível para o mundo.

O salvamento marítimo era a opção perfeita, e não apenas recuperar coisas que o Cúmulo-Nimbo afundava deliberadamente para gerar empregos para a indústria de salvamento. Isso não seria melhor do que quando as crianças desenterravam dinossauros de plástico na areia do parque infantil. Jerico queria recuperar coisas que tivessem realmente sido perdidas, e isso significava uma relação mais estreita com os ceifadores do mundo porque, ao passo que as embarcações sob a jurisdição do Cúmulo-Nimbo nunca conheciam um fim prematuro, as dos ceifadores tendiam a ser vítimas de falhas técnicas e erros humanos.

Pouco depois de acabar o ensino secundário, Jerico entrara como aprendiz para uma equipa de salvamento de segunda categoria no Mediterrâneo ocidental. O iate do Ceifador Dalí afundara-se então nas águas rasas da costa de Gibraltar, dando a Jerico uma inesperada oportunidade de progresso.

Usando apenas equipamento de mergulho padrão, tinha sido a primeira pessoa a chegar ao local e, enquanto os outros ainda tentavam perceber o que se passava, Jerico, contra as ordens do seu capitão, entrara na embarcação, encontrando o corpo do ceifador mortuoso no interior da sua cabina e levara-o para a superfície.

Tinha sido despedido de imediato. Mas não fora uma surpresa — afinal, desobedecer a uma ordem direta era considerado um motim —, mas fazia parte de uma jogada calculada. Isto porque, quando o Ceifador Dalí e a sua comitiva foram reanimados, a primeira coisa que o homem quis saber foi quem o havia tirado do mar.

No fim, o ceifador não só se mostrara agradecido, como fora extremamente generoso. Concedera a toda a equipa de resgate um ano de imunidade à colheita e queria acrescentar algo especial à pessoa que perdera tudo para recuperar o seu corpo, visto que se tratava claramente de alguém com as suas prioridades bem definidas. O Ceifador Dalí perguntara então a Jerico o que esperava alcançar na vida.

— Um dia, gostava de dirigir a minha própria equipa de salvamento — fora a resposta, pensando que Dalí talvez o pudesse recomendar.

Em vez disso, o ceifador levara-o ao *E. L. Spence,* um espetacular navio de investigação oceanográfica com cem metros de comprimento e convertido para salvamento marítimo.

— Será o capitão deste navio — proclamou Dalí.

E como o *Spence* já tinha um capitão, o ceifador colhera-o naquele mesmo instante e ordenara que a tripulação obedecesse ao novo capitão se não quisesse conhecer um fim idêntico. Fora uma situação, para dizer o mínimo, bastante surreal.

Jerico teria preferido chegar ao comando de outra maneira, mas o seu voto na matéria era tão insignificante quanto o do capitão colhido. Ciente de que a tripulação não obedeceria prontamente a alguém com vinte anos, achou por bem mentir, dizendo que estava na casa dos quarenta, mas tinha reiniciado o contador há pouco tempo para parecer mais jovem. Se acreditassem ou não, problema deles.

A tripulação demorou bastante a aceitar o novo comando. Alguns agiram em segredo. O episódio de intoxicação alimentar na primeira semana, por exemplo, apontava para o cozinheiro. E embora um teste genético pudesse determinar com precisão de quem eram as fezes que havia encontrado nos seus sapatos, Jerico decidiu que não valia a pena.

O *Spence* e a sua tripulação corriam o mundo. Mesmo antes do comando de Jerico, a equipa de salvamento já havia feito nome, embora o novo capitão tivesse a boa ideia de contratar uma equipa de

mergulhadores da Tasmânia com respiradores branquiais. Ter uma equipa de mergulho capaz de respirar debaixo de água, juntamente com uma outra de salvamento de primeira, tornara-os os mais procurados pelos ceifadores de todo o mundo. E o facto de Jerico priorizar o resgate dos mortuosos, em detrimento de propriedades perdidas, rendera-lhes um respeito ainda maior.

Jerico arrancara a barca do Ceifador Akhenaten do fundo do Nilo; recuperara o corpo mortuoso da Ceifadora Earhart depois de um infeliz acidente de avião; e, quando o submarino de luxo do Grão-Carrasco Amundsen se afundara nas águas geladas da região da Barreira de Ross na Antártida, o *Spence* fora chamado para recuperar o ceifador.

E então, no fim do seu primeiro ano no comando, Perpétua afundara-se no meio do Atlântico, preparando o cenário para a maior operação de resgate da História.

Todavia, as cortinas do palco mantinham-se resolutamente fechadas.

Sem os Grão-Carrascos do Conselho Mundial da Ceifa, não restava ninguém que pudesse autorizar um resgate daquela natureza. E com Goddard a bradar na MesoMérica que o Perímetro de Reverência não podia ser transposto, as ruínas de Perpétua continuavam no limbo. Entretanto, vários ceifadores regionais que haviam ficado do lado de Goddard patrulhavam o dito perímetro, colhendo qualquer um que o transgredisse. Perpétua tinha ficado a três quilómetros de profundidade, mas bem podia estar perdida no espaço, entre as estrelas.

Com tanta intriga, os outros ceifadores tinham precisado de bastante tempo para ganhar a coragem necessária para tentar um salvamento. Assim que a Amazónia anunciara as suas intenções, outras regiões tinham-se-lhe juntado; todavia, como fora a primeira a arriscar o pescoço, a Amazónia insistira em liderar a operação. As outras ceifas tinham protestado, mas ninguém enfrentara a Amazónia, essencialmente porque, assim, seria estar a enfrentar a ira de Goddard.

— Tem noção de que a nossa rota atual se encontra mais do que alguns graus fora do previsto, não tem? — perguntou o Chefe Wharton a Jerico quando Possuelo já não estava na ponte.

— Logo tratamos de a corrigir quando for meio-dia — respondeu Jerico. — Vai atrasar a nossa chegada em algumas horas. Nada pior do

que chegar tarde demais para começar as operações, mas cedo demais para encerrar o dia.

— Bem pensado, senhor — disse Wharton; depois, olhou rapidamente para o exterior e corrigiu-se, um tanto embaraçado: — Peço desculpa, senhora; erro meu. Ainda agora estava nublado.

— Não tem de que se desculpar, Wharton — disse-lhe Jerico. — Seja qual for o tratamento, não me faz diferença… especialmente num dia em que tanto temos sol como nuvens.

— Sim, Capitão — disse Wharton. — Não lhe quis faltar ao respeito.

Jerico teria sorrido, mas isso seria faltar ao respeito a Wharton, cujo pedido de desculpa, embora desnecessário, era sincero. Embora parte do trabalho de um marinheiro fosse saber a posição do sol e das estrelas, a verdade é que ele não estava acostumado àquela fluidez meteorológica.

Jerico era de Madagáscar, uma das sete Regiões Autónomas onde o Cúmulo-Nimbo usava diferentes estruturas sociais para melhorar a experiência humana, e as pessoas acorriam a Madagáscar em virtude das escolhas únicas que tornavam esta região muito popular.

Todas as crianças em Madagáscar eram criadas sem um género definido e eram proibidas de escolher até atingirem a idade adulta. Mesmo assim, muitos preferiam não se limitar a um único estado de existência. Algumas pessoas, como Jerico, descobriam que o seu género era a fluidez.

«Sinto-me uma mulher sob o sol e as estrelas. Sinto-me um homem sob as nuvens», explicara à tripulação quando tinha assumido o comando. «Para saber como vos deveis dirigir a mim, basta-vos olhar para o céu.»

A tripulação não tinha dificuldade com a questão da fluidez, que era bastante comum, mas sim com o aspeto meteorológico do sistema pessoal de Jerico. Tendo crescido num lugar onde tais situações eram a norma e não a exceção, nunca lhe ocorrera que podia haver algum problema, isto até que saíra de casa. Era simples: algumas coisas faziam que uma pessoa se sentisse feminina; outras, que se sentisse masculina. Não era assim com todas, independentemente do género? Ou talvez os binários se abstivessem de tudo o que não se encaixasse no molde. Bem, fosse como fosse, para Jerico, os erros e aqueles que se esforçavam demais tinham mais graça do que qualquer outra coisa.

— Quantas equipas de resgate lhe parece que estarão lá? — perguntou Jerico a Wharton.

— Dúzias delas. E outras tantas a caminho. Já estamos atrasados para a festa.

— De todo. Levamos o ceifador que está à frente de tudo, o que significa que somos, literalmente, o navio almirante da operação. A festa não há de começar enquanto não chegarmos… e pretendo fazer uma grande entrada.

— Não tenho dúvidas, senhor — respondeu Wharton, visto que o Sol se escondera atrás de uma nuvem.

Quando o Sol se pôs, o *Spence* chegou ao local onde a Ilha do Perpétuo Coração se havia afundado.

— Temos setenta e três navios de vários tipos à nossa espera no exterior do Perímetro de Reverência — informou o Chefe Wharton.

O Ceifador Possuelo não conseguiu esconder o seu desagrado.

— Não são melhores do que os tubarões que devoraram os Grão-Carrascos.

Quando começaram a passar pelas embarcações mais distantes do perímetro, Jerico reparou num navio muito maior que o *Spence* diretamente à frente deles.

— Vamos contorná-lo — disse Wharton.

— Não, mantenha a rota presente.

— Mas vamos abalroá-lo — disse Wharton, preocupado.

Jerico brindou-o com um sorriso malicioso.

— Nesse caso, será melhorar que ele se desvie.

Possuelo sorriu.

— E assim deixamos bem claro desde o início quem está à frente da operação — disse ele. — Gosto do seu instinto, Jeri.

Wharton olhou para Jerico. Por uma questão de respeito, ninguém na tripulação tratava o capitão por Jeri, visto que era um nome reservado para amigos e familiares. Mas Jerico não se manifestou.

O *Spence* continuou em frente a toda a velocidade e o outro navio desviou-se, embora apenas quando se tornou claro que o *Spence* ia

mesmo abalroá-lo se não o fizesse. Uma batalha de vontades ganha com facilidade.

— Coloque-nos mesmo no centro — ordenou Jerico quando entraram no Perímetro de Reverência. — Depois, faça saber às outras embarcações que se podem juntar a nós. As equipas de salvamento podem começar a enviar os seus *drones* às seis da manhã, para proceder a um levantamento dos destroços. Diga-lhes que terão de partilhar todas as informações e que, se descobrirmos que alguém está a ocultar dados, o resultado será a colheita.

Possuelo ergueu uma sobrancelha.

— Agora fala pela Ceifa, Capitão?

— Só estou a tentar garantir que eles obedecem. Afinal, todos estamos sujeitos à colheita, pelo que não lhes estou a dizer nada que já não saibam… digamos que apenas estou a dar-lhes uma nova perspetiva.

Possuelo riu-se com gosto.

— A sua audácia lembra-me um ceifador novato que conheci.

— Conheceu?

— A Ceifadora Anastasia — respondeu Possuelo depois de um suspiro. — Morreu juntamente com a sua mentora, a Ceifadora Curie, quando Perpétua se afundou.

— Conhecia a Ceifadora Anastasia? — perguntou Jerico, justificadamente impressionado.

— Sim, embora não tão bem como gostaria, infelizmente.

— Bem, o que conseguirmos resgatar das profundezas talvez a ajude a encontrar um pouco de paz.

Desejámos boa sorte às Ceifadoras Anastasia e Curie na sua viagem para Perpétua e no seu inquérito contra Goddard. Apenas posso esperar que, na sua sabedoria, os Grão-Carrascos o desqualifiquem e, assim, acabem com as suas aspirações ao cargo de Suma Lâmina. Quanto a Munira e a mim, teremos de ir para o outro lado do mundo para encontrar as respostas que procuramos.

A minha fé neste mundo perfeito encontra-se agora suspensa pelo último fio de uma corda puída. O que era perfeito não permanecerá perfeito por muito tempo, não enquanto as nossas falhas se infiltrarem pelas fendas e fissuras para corroer tudo o que tanto nos esforçámos para criar.

O Cúmulo-Nimbo é o único irrepreensível, mas não sei o que ele tem em mente. Não partilho os seus pensamentos, pois sou um ceifador e a esfera do Cúmulo-Nimbo está para lá do meu alcance, assim como o meu trabalho solene se escontra fora da sua jurisdição global.

Os ceifadores fundadores receavam a nossa arrogância, que não fôssemos capazes de manter a virtude, o altruísmo e a honra que o nosso trabalho exige. Temiam que nos tornássemos tão convencidos, tão presunçosos na nossa sabedoria que, como Ícaro, voássemos demasiado perto do Sol.

Durante mais de duzentos anos, provámos ser dignos da nossa posição. Temos estado à altura das suas elevadas expetativas. No entanto, tudo mudou num piscar de olhos.

Sei que os fundadores criaram um plano de emergência. Uma alternativa caso a Ceifa falhasse. Mas, se o encontrar, terei a coragem necessária para pôr esse plano em marcha?

— Do diário «pós-morte» do Ceifador Michael Faraday,
31 de março, Ano da Ave de Rapina

3
Uma estimulante forma de começar a semana

No dia em que Perpétua se afundou, um pequeno avião desligado da rede voava rumo a um lugar que não existia.

Munira Atrushi, uma ex-bibliotecária do turno da noite na Grande Biblioteca de Alexandria, era a passageira; o Ceifador Michael Faraday, o piloto.

— Aprendi a pilotar aeronaves durante os meus primeiros anos como ceifador — disse Faraday. — Descobri que me relaxava. Transporta a mente para um lugar diferente e mais tranquilo.

Embora pudesse ter funcionado para ele, estava visto que não se estendia aos passageiros, porque os nós dos dedos de Munira estavam brancos de tanto apertar os braços do assento.

Ela nunca fora uma grande apreciadora de viagens aéreas. Sim, era mais do que seguro e nunca ninguém havia morrido permanentemente num acidente de avião. O único incidente de que havia registo era o de um avião comercial de passageiros, cinquenta anos antes de Munira ter nascido, que tivera o azar de se atravessar no caminho de um meteorito.

O Cúmulo-Nimbo ejetara imediatamente todos os passageiros para impedir a inevitável queda e o subsequente incêndio, mas eles haviam acabado mortuosos por causa do ar rarefeito e da altitude de cruzeiro. Em segundos, tinham congelado e caído na floresta abaixo. Os *ambudrones* haviam sido enviados para os resgatar antes sequer que chegassem ao solo, sendo todos os corpos recuperados no espaço de uma hora. Transferidos para centros de reanimação, em alguns dias, já haviam embarcado noutro avião para o seu destino previsto, muito felizes.

«Uma estimulante forma de começar a semana», gracejara um dos passageiros numa entrevista.

Fosse como fosse, Munira não gostava de aviões. Sabia que o seu medo era irracional. Ou pelo menos tinha-o sido até o Ceifador Faraday lhe fazer saber que, uma vez fora do espaço aéreo conhecido, ficariam por sua conta.

— Quando estivermos no «ângulo cego» do Pacífico, ninguém terá como saber onde estamos, nem mesmo o Cúmulo-Nimbo — disse-lhe Faraday. — Ninguém há de saber se estamos vivos ou mortos.

Isso significava que, se tivessem o azar de se cruzar com um meteorito ou alguma outra catástrofe inesperada, nenhum *ambudrone* apareceria para os levar para um centro de reanimação. Ficariam mortos para sempre, como os mortais de outros tempos. De uma forma tão irrevogável como se tivessem sido colhidos.

O facto de o avião estar a ser pilotado por Faraday e não pelo sistema automático também não ajudava. Ela confiava no venerável ceifador, mas este, como qualquer um, era suscetível a erros humanos.

Mas a culpa era toda dela. Fora Munira quem percebera que o Cúmulo-Nimbo tinha um ângulo cego no Pacífico Sul — um ponto cheio de ilhas. Ou, para ser mais precisa, atóis, as cristas de antigos vulcões que agora formavam uma série de ilhas circulares. Tratava-se de uma região inteira que os ceifadores fundadores haviam escondido do Cúmulo-Nimbo e, com efeito, do resto do mundo. A pergunta era: porquê?

Três dias antes, eles tinham-se encontrado com as Ceifadoras Curie e Anastasia para lhes falar das suas suspeitas. «Tem cuidado, Michael», dissera a Ceifadora Curie. O facto de Curie se mostrar preocupada com o que eles tinham descoberto era perturbador. Uma ceifadora que não tinha medo de nada… tinha medo por eles. Dava que pensar.

Faraday também tinha as suas dúvidas, mas decidiu não as partilhar com Munira. Era melhor que ela o visse como alguém inabalável. Depois daquele encontro, tinham partido, sempre incógnitos e em transporte comercial, para a OciMérica. O resto do caminho seria em avião particular; eles só precisavam de conseguir um. Embora Faraday tivesse o direito de usar o que bem entendesse, fosse qual fosse a sua dimensão ou proprietário, raramente o fazia. Optava sempre por deixar a mínima marca possível na vida daqueles com quem se cruzava. A menos, é

claro, que o seu objetivo fosse colhê-los, caso em que a sua marca era definitiva e bem clara.

Ele não tinha colhido ninguém desde que simulara a sua própria morte. Como homem morto, não podia tirar nenhuma vida porque, se o fizesse, a Ceifa ficaria a saber, uma vez que a respetiva base de dados registava todas as colheitas por intermédio do anel. Chegara mesmo a pensar em livrar-se dele, mas optara por não o fazer. Era uma questão de honra, de orgulho. Ainda era um ceifador, pelo que considerava desrespeitoso separar-se do anel.

Faraday percebeu que, com o passar do tempo, cada vez menos sentia a falta da colheita. Além disso, agora tinha outras coisas para fazer.

Uma vez chegados à OciMérica, passaram um dia em Angel City, um lugar que, em tempos mortais, fascinara muitos com os seus brilhos cintilantes e fora palco de grandes infortúnios pessoais. Agora, não passava de um parque temático. Na manhã seguinte, Faraday vestiu a sua túnica — que já quase não usava desde que desaparecera do radar da Ceifa —, dirigiu-se a uma marina e requisitou o melhor hidroavião que encontrou: um jato anfíbio para oito passageiros.

— Certifique-se de que tem células de combustível suficientes para uma viagem transpacífica — disse ele ao administrador da marina. — Queremos partir o mais depressa possível.

Faraday já era uma figura intimidante sem a necessidade de uma túnica, pelo que, com ela, Munira tinha de admitir que ele se impunha de um modo que só os melhores ceifadores o poderiam fazer.

— Vou ter de falar com o proprietário — disse o administrador numa voz trémula.

— Não — retrucou Faraday calmamente. — Vai ter de falar com o proprietário quando partirmos; não tenho tempo para esperar. Diga-lhe que o hidroavião será devolvido assim que eu deixar de precisar dele e que pagarei uma quantia generosa pelo aluguer.

— Sim, Ilustre Ceifador — disse o homem… que mais poderia ele dizer a um ceifador?

Enquanto Faraday prestava atenção aos controlos, Munira prestava atenção a ele, para garantir que não adormecia nem se distraía. E

também ia contando todas as vezes que encontravam alguma turbulência. Sete até ali.

— Se o Cúmulo-Nimbo controla o clima, porque é que não facilita os corredores de voo?

— Ele *não* controla o clima — corrigiu-a Faraday —, apenas o influencia. Além disso, não pode intervir para ajudar um ceifador, por mais que a estimada parceira do dito deteste ventos variáveis.

Munira gostava que ele já não se referisse a ela como sua assistente. Havia-se revelado muito mais do que isso ao descobrir o ângulo cego. Quem a tinha mandado ser tão esperta? Podia muito bem ter ficado na Biblioteca de Alexandria, ignorante e contente, mas a sua curiosidade levara a melhor. Como era aquele velho ditado dos tempos mortais? A curiosidade matava os gatos?

Enquanto sobrevoavam os monótonos mares do Pacífico, o rádio começou a emitir um *feedback* estranho. Era quase ensurdecedor e durou praticamente um minuto, apesar de Faraday o tentar desligar. Munira receou que os seus tímpanos fossem rebentar, e Faraday teve de largar os controlos por alguns segundos para tapar os ouvidos, pelo que o hidroavião se inclinou perigosamente. Então, o barulho desapareceu de repente, exatamente como havia começado. O ceifador recuperou rapidamente o controlo do avião.

— Mas que raio era aquilo? — perguntou Munira, com os ouvidos ainda a zunir.

Faraday, com as duas mãos nos controlos, ainda tentava recuperar.

— Eu diria que é alguma espécie de barreira eletromagnética. Acho que significa que acabámos de entrar no ângulo cego.

Depois disso, nenhum deles pensou muito mais no assunto, nem tiveram como saber que o mesmo som fora ouvido em todo o mundo ao mesmo tempo; um som que, em alguns círculos, viria a ser conhecido como «a Grande Ressonância». Foi o momento que marcou o afundamento de Perpétua e o silêncio global do Cúmulo-Nimbo.

Mas, visto que Faraday e Munira tinham deixado a esfera de influência do Cúmulo-Nimbo assim que entraram no ângulo cego, não sabiam nada do que estava a acontecer no mundo exterior.

Àquela altitude, as crateras vulcânicas submersas dos Atóis Marshall eram claramente visíveis: piscinas gigantescas no interior dos pontos e fitas das muitas ilhas que as circundavam. Atol de Ailuk, Atol de Likiep. Não havia edifícios nem docas, nem ruínas visíveis que indicassem alguma presença humana. Havia muitas áreas selvagens no planeta, mas o Cúmulo-Nimbo tinha um corpo de funcionários específicos que as protegia meticulosamente. Até as florestas mais profundas e escuras estavam equipadas com torres de comunicação e plataformas de *ambudrones*, caso algum visitante sofresse ferimentos graves ou desse por si temporariamente morto. Mas ali… não havia nada. Era assustador.

— Tenho a certeza de que foram habitados a dada altura — disse Faraday. — Os ceifadores fundadores podem ter colhido os residentes, mas é mais provável que os tenham realojado nalgum lugar fora do ângulo cego para manter as suas atividades em segredo.

Por fim, o Atol de Kwajalein tornou-se visível diante deles, ao longe.

— «Fujamos agora, para sul do Despertar, e rumemos à Terra de Nod» — disse Faraday, citando a velha canção de embalar.

E lá estavam eles, cerca de oitenta milhas a sul da Ilha de Wake, mesmo no centro do ângulo cego.

— Não estás entusiasmada, Munira? Agora que sabes o que Prometeu e os outros fundadores sabiam? Finalmente, vamos decifrar o enigma que nos deixaram!

— Não há garantia de que vamos encontrar seja o que for.

— Sempre tão otimista.

Como todos os ceifadores sabiam, os fundadores alegavam ter preparado um plano de emergência para a sociedade, caso o seu conceito de ceifa falhasse. Uma solução alternativa para o problema da imortalidade. Já ninguém levava aquilo a sério. Por que motivo o haviam de fazer, se a Ceifa era a solução perfeita para um mundo perfeito há mais de duzentos anos? Ninguém se importava com sistemas de emergência senão quando algo corria mal.

Se as Ceifadoras Curie e Anastasia fossem bem-sucedidas em Perpétua, e a Ceifadora Curie se tornasse Suma Lâmina da MesoMérica, talvez a Ceifa pudesse evitar o caminho desastroso que Goddard queria seguir. Mas se não, talvez o mundo ainda precisasse de um plano de emergência.

Desceram para os 1500 metros de altitude e, à medida que se aproximavam, começaram a distinguir os pormenores do atol. Bosques exuberantes e praias de areia. A ilha principal do Atol de Kwajalein tinha a forma de um longo e estreito bumerangue… e então viram, finalmente, algo que não era evidente em nenhum outro ponto do ângulo cego: sinais de que a ilha já conhecera uma presença humana; linhas de vegetação rasteira que em tempos haviam sido estradas; fundações que indicavam a antiga localização de construções.

— Bingo! — exclamou Faraday enquanto empurrava o *joystick* para uma altitude mais baixa, para ver mais de perto.

Munira até foi capaz de detetar a reação dos seus nanorrobôs ao alívio que sentiu.

Finalmente, tudo estava bem.

Até que deixou de estar.

— *Aeronave desconhecida; identifique-se, por favor.*

Era uma mensagem automática quase inaudível através das fortes ondas de interferência, numa voz artificial que soava demasiado humana para o ser.

— Não te preocupes — disse Faraday, e transmitiu o código de identificação universal usado pela Ceifa.

Após um momento de silêncio, ouviram novamente:

— *Aeronave desconhecida; identifique-se, por favor.*

— Não estou a gostar disto — disse Munira.

Faraday fez uma careta e voltou a dizer para o transmissor:

— Aqui, Ceifador Michael Faraday da MesoMérica, solicitando permissão para se aproximar da ilha principal.

Mais um momento de silêncio, e a voz respondeu:

— *Anel de ceifador detetado.*

Tanto Faraday como Munira relaxaram.

— Pronto — disse ele. — Está resolvido.

E então a voz disse novamente:

— *Aeronave desconhecida; identifique-se, por favor.*

— O quê!? Eu já disse que sou o Ceifador Michael Faraday…

— *Ceifador não reconhecido.*

— Obviamente, não o reconhece — disse Munira. — Quando eles implementaram este sistema, o Ceifador Michael Faraday ainda não tinha nascido. Esta coisa deve pensar que é um impostor com um anel roubado.

— Raios!

E foi exatamente o que a ilha fez: algures da sua superfície, disparou um raio *laser* que lhes rebentou o motor esquerdo com um rugido que sentiram nos ossos, como se os tivesse atingido a *eles* e não ao avião.

Era tudo o que Munira receava. O culminar de todos os piores cenários possíveis. E, não obstante, encontrou naquele momento uma coragem e uma clareza de raciocínio que não esperava. O avião tinha um módulo de escape: ela chegara mesmo a examiná-lo antes da descolagem para se certificar de que tudo estava a funcionar corretamente.

— O módulo fica na popa — disse ela a Faraday. — Temos de nos despachar!

Mesmo assim, ele continuava a tentar falar pelo rádio que não parava de crepitar com o som da estática.

— Aqui, Ceifador Michael Faraday!

— É uma máquina, e não particularmente inteligente. Não há como argumentar com ela — lembrou-lhe Munira.

A melhor prova disso mesmo foi o segundo raio, que estilhaçou o para-brisas e incendiou a cabina. Se estivessem a uma altitude maior, teriam sido sugados pelo buraco, mas, voando baixo, escaparam à descompressão explosiva.

— Michael! — gritou Munira, usando o nome próprio, algo que nunca havia feito antes. — Não serve de nada!

A aeronave ferida já dera início a um mergulho enviesado ao encontro do mar; não havia como salvá-la, por mais habilidoso que fosse o piloto.

Faraday acabou por desistir, abandonou a cabina e, juntos, conseguiram vencer a inclinação da nave em queda e alcançar o módulo de escape. Entraram, mas não conseguiram fechá-lo porque a túnica do ceifador ficava sistematicamente presa no trinco.

— Raio de coisa esta! — rosnou o ceifador, e puxou com tanta força que rasgou a bainha… e finalmente conseguiram fechar a porta.

O mecanismo selou-os no interior, as folgas sendo preenchidas por uma espuma expansível, e o modulo ejetou-se.

Uma vez que não tinha janelas, não havia como ver o que se passava no exterior. Apenas sentiram uma náusea extrema enquanto o veículo, liberto do hidroavião em queda livre, rodopiava pelo ar.

Munira arquejou quando as agulhas penetraram no seu corpo. Mesmo sabendo o que ia acontecer, foi apanhada de surpresa. Atingiram-na em cinco lugares diferentes, pelo menos.

— Detesto esta parte — rosnou Faraday, que, tendo vivido tantos anos, já havia estado no interior de uma cápsula de escape; todavia, para Munira tudo aquilo era novo e horrível.

Aqueles módulos tinham sido preparados para deixar os seus ocupantes inconscientes, pelo que, se alguém ficasse ferido aquando da aterragem, permaneceria inconsciente enquanto os seus nanorrobôs concluíam o processo curativo. Depois, acordaria intacto após as horas necessárias para reparar os danos; e, se a conclusão fosse mortal, seria transportado para um centro de reanimação. À semelhança dos passageiros do avião atingido pelo meteorito, acordaria eufórico depois de toda aquela experiência.

Só que, se a queda se revelasse fatal, Munira e Faraday não poderiam contar com idêntico desfecho.

— Se morrermos — disse Faraday, já com uma voz entaramelada —, aqui ficam as minhas desculpas, Munira.

Ela queria responder, mas perdeu a consciência antes que o pudesse fazer.

Era como se o tempo não tivesse passado.

Num instante, Munira estava aos tombos com Faraday no escuro e, no seguinte, contemplava o movimento ondulante das palmeiras que a protegiam do sol. Ainda se encontrava no interior do módulo, embora a porta estivesse escancarada e não houvesse ninguém ao seu lado. Livrou-se da espuma que se moldava ao seu corpo e sentou-se.

Perto das árvores, Faraday estava a assar um peixe no espeto sobre uma pequena fogueira enquanto bebia água de coco diretamente de um dos ditos. Uma tira de linho rasgado pendia-lhe da túnica: a parte que tinha ficado presa no trinco. A bainha estava enlameada. Era estranho ver o grande Ceifador Michael Faraday numa túnica menos do que perfeita e imaculada.

— Ah — exclamou ele jovialmente —, finalmente acordaste!

Passou-lhe o coco para ela beber.

— É um milagre termos sobrevivido — foi a única coisa que ela disse.

Só quando sentiu o cheiro do peixe a assar é que deu conta da fome que tinha. O módulo fora concebido para manter os seus ocupantes hidratados durante vários dias, mas a oferta nutritiva era nula. Pelo estado do seu estômago, ela estimou que teriam passado pelo menos um par de dias em processo curativo no interior do módulo.

— Quase *não* sobrevivíamos — concordou Faraday, entregando-lhe o peixe e enfiando outro no espeto improvisado. — De acordo com os registos do módulo, houve uma falha no paraquedas, provavelmente causada por destroços ou por outro disparo de *laser*. Caímos com força na água e, apesar do enchimento de espuma, ambos sofremos concussões de terceiro grau e múltiplas fraturas nas costelas. Também ficaste com um pulmão perfurado; foi por isso que os teus nanorrobôs precisaram de mais algumas horas do que os meus.

O módulo, cujo sistema de propulsão estava preparado para uma amaragem, levara-os em segurança até à costa e estava agora parcialmente enterrado na areia depois de dois dias ao sabor da variação das marés.

Munira olhou em volta e Faraday deve ter lido corretamente a sua expressão porque disse:

— Oh, não te preocupes. Aparentemente, o sistema de defesa só deteta o tráfego aéreo que se aproxima da área. O módulo caiu suficientemente perto da ilha para não ser detetado.

Quanto ao hidroavião, aquele que Faraday prometera devolver ao dono, estava agora em pedaços no fundo do Pacífico.

— Podemos dizer que somos oficialmente náufragos!

— Então, por que raio está tão contente!?

— Porque estamos aqui, Munira! Conseguimos! Conseguimos o que ninguém conseguiu desde o início da era pós-mortal! Encontrámos a Terra de Nod!

O Atol de Kwajalein parecia pequeno visto do céu, mas uma vez em terra afigurava-se enorme. Embora a ilha principal não fosse muito

larga, parecia estender-se sem fim. Havia restos de infraestruturas antigas por toda a parte; como tal, seria de esperar que aquilo que procuravam estivesse ali e não numa das ilhas exteriores. O problema era que eles não sabiam exatamente o que procuravam.

Passaram vários dias a explorar, aos ziguezagues pela ilha, do amanhecer ao anoitecer, catalogando as relíquias que iam encontrando… e elas estavam por todo o lado. O asfalto estalado das estradas que há muito haviam dado lugar a uma floresta recente. Fundações de pedra que anteriormente suportavam o peso dos edifícios. Pilhas de ferro corroído e aço desgastado.

Para se alimentarem, recorriam a peixes e aves silvestres, que abundavam na ilha, tal como abundavam as variadas árvores de fruto que claramente não eram endémicas. Muito provavelmente, tinham sido cultivadas em quintais e ali continuavam depois das casas terem desaparecido.

— E se não encontrarmos nada? — perguntara Munira no início das suas explorações.

— Atravessaremos essa ponte quando lá chegarmos.

— Não há pontes aqui.

Nos primeiros dias, além da atarracada torre defensiva — que entretanto se selara como um bizarro sarcófago vertical —, pouco mais encontraram além da loiça quebrada de antigos lavatórios e sanitas, bem como recipientes de plástico que provavelmente ali continuariam intactos até que o Sol se convertesse numa nova e devorasse os planetas internos. Aquele lugar teria sido uma meca para os arqueólogos, mas não os deixara mais perto do seu objetivo.

Então, quase no fim da primeira semana, ao vencerem uma estreita faixa de terreno mais elevado, deram com toda uma extensão coberta de areia e demasiado geométrica para ser natural. Após algumas escavações superficiais, encontraram uma camada de betão tão espessa que pouca vegetação conseguira ali criar raízes. Aquele lugar parecia transmitir-lhes um propósito, embora eles não conseguissem perceber qual.

E ali, na face lateral da faixa de terreno elevado, praticamente escondida por trepadeiras, encontraram uma porta coberta de musgo. A entrada de um *bunker*.

Depois de afastar as trepadeiras, deram com um painel de segurança. O que quer que ali estivesse escrito ou gravado havia-se desgastado, mas o que restava contava-lhes a única história que precisavam de saber: o painel tinha uma reentrância com o tamanho e formato exatos das gemas engastadas nos anéis dos ceifadores.

— Já vi isto antes — disse Faraday. — Nas construções mais antigas dos ceifadores, os nossos anéis serviam como chave. Eles tinham outro fim, prático, além de conceder imunidade e impressionar os outros.

Ergueu o punho e encostou o anel à reentrância. Ouviram o mecanismo destrancar-se, mas tiveram ambos de empurrar para conseguir abrir a velha porta.

Tinham levado as lanternas que haviam encontrado entre o pouco equipamento do módulo de emergência. Usaram-nas para iluminar a escuridão bafienta de um corredor que descia com uma inclinação bastante acentuada.

Ao contrário da ilha, o *bunker* não fora tocado pelo tempo, a exceção sendo uma fina camada de poeira. Apenas uma das paredes estava rachada e raízes semelhantes a tentáculos de uma qualquer criatura antiga pareciam estar a tentar entrar, mas, fora isso, o mundo exterior permanecia do lado de fora.

O corredor terminava num grande espaço com várias estações de trabalho. Aqueles velhos monitores informáticos fizeram Munira lembrar-se da sala secreta sob a Biblioteca do Congresso, onde tinham encontrado o mapa que os levara até ali. Enquanto na sala da biblioteca reinava o caos, ali tudo estava arrumado. As cadeiras apresentavam-se alinhadas diante das secretárias, como se uma equipa de limpeza tivesse acabado de passar por ali. Num dos postos de trabalho ainda se podia ver uma caneca com o nome de uma personagem de Herman Melville, como se estivesse à espera de que alguém a enchesse. Aquele lugar não tinha sido abandonado à pressa. Na verdade, não fora abandonado de todo: antes fora deixado preparado para alguém.

E Munira não se conseguia livrar da estranha sensação de que quem deixara tudo assim há mais de duzentos anos sabia que ela e Faraday haviam de acabar por aparecer.